

PRÁXIS HIPERMIDIÁTICAS DE LEITURA: NOVAS CONCEPÇÕES DE TEXTO E DE LEITURA NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

JOSÉ AUGUSTO DE ABREU NASCIMENTO (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)).

Resumo

Utilizando como quadro teórico–metodológico os Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, o presente trabalho estuda a relação entre literatura e sociedade no que concerne à influência das novas mídias (hipermídia) na literatura infantil/juvenil no Brasil. Ele é fruto dos estudos do autor no decorrer de seu Mestrado em Letras (FFLCH/USP) e como pesquisador do grupo de pesquisa Literatura Infantil e Sociedade (pela mesma instituição), bem como da sua experiência como editor de literatura infantil/juvenil. O objetivo é mostrar a evidência, na literatura infantil/juvenil contemporânea, de novas práticas textuais e de leitura decorrentes do surgimento dos suportes digitais hipermidiáticos. A relação entre práticas textuais, suportes para os textos e práticas de leitura é evidente ao longo da história. Com o advento da computação e da internet, surgem novos suportes com características que têm modificado as práticas textuais e de leitura. A partir das obras 'A interminável Chapeuzinho' (de Angela Lago, em suporte digital) e 'Todos contra D@nte' (de Luis Dill, em suporte impresso) verificam–se novas configurações (típicas dos textos hipermidiáticos) nos textos para crianças e adolescentes, como hipertextualidade, diálogo intercódigos, simulação de interfaces da internet e interatividade. Reconhecendo a existência dessas transformações, torna–se fundamental repensar os conceitos de leitura, de texto e de literatura (bem como o seu papel na sociedade contemporânea), a fim de que o ensino fundamental possa fornecer aos leitores do século XXI subsídios relevantes e significativos para sua formação.

Palavras-chave:

práxis de leitura, suportes textuais, literatura infantil.

1. Introdução

O presente artigo é fruto das pesquisas do grupo "Literatura Infantil e Sociedade" (FFLCH/USP) e dos nossos estudos publicados na dissertação *Literatura infantil e cultura hipermidiática: relações sócio-históricas entre suportes textuais, leitura e literatura* (NASCIMENTO, 2009).

Partindo dos paradigmas dos Estudos Comparados de Literatura, constatamos que, ao contrário do que pode parecer, o conceito e as práticas de leitura não são estanques. Em outras palavras "o que é leitura" e "como se lê" varia de acordo com o contexto social, o momento histórico e as necessidades específicas de leitura.

Demonstrada essa variação sócio-histórica do conceito e da prática de leitura, queremos mostrar como a literatura infantil pode colaborar, de forma lúdica, para a formação dos pequenos leitores nessa diversidade de práticas contemporâneas de leitura. No caso, trazemos a título de exemplo, a prática hipermidiática de leitura

2. O conceito de leitura

É muito pertinente o lema desta 17ª COLE: “É preciso transver o mundo” (BARROS, 1996). No contexto em que se insere (um congresso de leitura), é inevitável a aproximação do conceito de “transvisão” proposto pelo poeta e o de “leitura” objeto desse congresso. Nesse sentido, ler possibilita (ou, ao menos, deveria possibilitar) transver, ver além do óbvio, do explícito, do natural, do que se pode enxergar (a que o prefixo “trans-” nos remete). Transcrevemos a seguir o poema completo de Manoel de Barros para uma reflexão mais detida:

As lições de R.Q.

Aprendi com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano):
A expressão reta não sonha.
Não use o traço acostumado.
A força de um artista vem das suas derrotas.
Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.
Arte não tem pensa:
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo.
Isto seja:
Deus deu a forma. Os artistas desformam.
É preciso desformar o mundo:
Tirar da natureza as naturalidades.
Fazer cavalo verde, por exemplo.
Fazer noiva camponesa voar - como em Chagall.
Agora é só puxar o alarme do silêncio que eu saio por aí a desformar.

Até já inventei mulher de 7 peitos para fazer vaginação comigo.

(BARROS, 1996)

Chama atenção o trecho imediatamente anterior ao lema, que diz: “O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê”. Ele nos remete a Ezequiel Theodoro Silva (1991), que trata do conceito contemporâneo de leitura: “O estatuto de criticidade de leitura pode ser conseguido através de dinâmicas pedagógicas que permitem aos leitores trabalhar com três movimentos de consciência: CONSTATAR, COTEJAR (REFLETIR) e TRANSFORMAR; [isto é,] constatar determinados significados, refletir coletivamente sobre eles e transformá-los.” Nota-se o evidente paralelismo entre os trechos:

Transvisão (Manoel de Barros)	→	Leitura crítica (Ezequiel Theodoro Silva)
“O olho vê”	→	Constatar
“A lembrança revê”	→	Cotejar (refletir)
“A imaginação transvê”	→	Transver

De tal forma que o poeta Manoel de Barros e o professor Ezequiel Theodoro Silva, chamam atenção, cada um a seu modo, para um mesmo fenômeno, a necessidade de exercitarmos, para além da leitura da palavra, uma leitura de mundo (FREIRE, 2006). E quais seriam as demandas contemporâneas de leitura? Lúcia Santaella (2002 e 2004) nos dá indícios interessantes a esse respeito.

3. Práxis de leitura

As necessidades de leitura de um letrado na Idade Média eram muito diferentes daquelas do leitor contemporâneo. Parece evidente que a leitura tenha mudado através dos séculos, ainda que muitas vezes não paremos para refletir sobre isso.

Houve uma ampliação e uma popularização do público leitor. Na Idade Média, os leitores médios se compunham de um grupo restrito formado principalmente por parte do alto clero. Hoje, mesmo com todos os problemas de alfabetização, em nossa sociedade há um número infinitamente maior de leitores que naquele tempo. E quem são esses leitores? Na sua maioria pessoas que vivem na cidade, que trabalham e que tem acesso a textos variados (notícias, publicidade, letreiros, literatura, cartas, e-mails, sites etc.). Essas pessoas utilizam a leitura em grande parte para se informar, e também para estudar e se entreter... Não é razoável pensar que esses dois tipos "médios" de leitores têm necessidades e interesses de leitura muito diferentes? E, conseqüentemente, que muitos dos textos produzidos para eles (e lidos por eles) tendem a buscar satisfazer essas demandas diferentes?

É claro que os diferentes tipos de leitura convivem. Existe, em toda sociedade, pessoas com interesses e necessidades os mais variados. Contudo, é claro, também, que as sociedades de cada época e contexto (com suas tecnologias, necessidades, desejos, cultura) evidenciam, ampliam e aprofundam certas práticas de leitura, como veremos a seguir.

3.1. Leitura contemplativa, meditativa

É a leitura típica do livro, em que o leitor se dedica a uma leitura aprofundada (vertical) das poucas obras a que tem acesso. Esse leitor se debruça, contempla, medita sobre o texto no interior de uma biblioteca, de um mosteiro, ou à sombra de uma árvore. Assim, não costuma ser apelado por estímulos que o desconcentrem da leitura.

Evidencia-se com a difusão do livro proporcionada pelo Iluminismo (no campo político-cultural), pela Reforma Protestante (no campo religioso) e pela invenção da prensa por Gutenberg (no campo tecnológico):

Esse tipo de leitura nasce da relação íntima entre o leitor e o livro, leitura do manuseio, da intimidade, em retiro voluntário, num espaço retirado e privado, que tem na biblioteca seu lugar de recolhimento, pois o espaço da leitura deve ser separado dos lugares de um divertimento mais mundano. [...] Esse leitor não sofre, não é açoitado pelas urgências do tempo. Um leitor que contempla e medita. [...]

Embora a leitura da escrita de um livro seja sequencial, a solidez do objeto livro permite idas e vindas, retornos, re-significações. Um livro, um quadro exigem do leitor a lentidão de uma dedicação em que o tempo não conta. (SANTAELLA, 2004: 23-24)

3.2. Leitura movente, fragmentária

Com a Revolução Industrial, com o capitalismo, na era da reprodutibilidade técnica (de que trata Walter Benjamin (1994)) destaca-se esse tipo de leitura:

No cenário volátil da cidade, convertida em “arena para a circulação de corpos e mercadorias” , aquilo que realmente deu forma às experiências da Modernidade foi a destituição crescente de todas as coisas de sua aura de valor. A roupa, o livro, o médico, o advogado e o poeta, tudo foi se transformando em mercadoria e com ela nascia um novo tipo de percepção de mundo, cada vez mais voltado para a proximidade, para o imediato, para a segurança contra os riscos da cidade grande (SANTAELLA, 2004: 27).

É a leitura típica da cidade, do leitor que é o tempo todo apelado por estímulos vários: as pessoas que passam na rua, o outdoor, a buzina, o anúncio do carro de som. É a leitura da industrialização, da produção em série, de um leitor que descobre que o mundo é muito maior do que ele imaginava, o qual conhece por meio dos jornais, das revistas, das publicidades, da fotografia, do rádio, da televisão, do cinema. Esse leitor se vê fascinado diante da infinidade de textos aos quais tem acesso e, avidamente, quer lê-los.

Na leitura movente, o leitor passa pelos textos (ou os textos passam por ele). Ele não consegue contemplar, meditar sobre o texto, pois o tempo se torna questão central, e se impõe sobre ele.

3.3. Leitura imersiva, hipermidiática

Com o advento da era digital, da computação, e, posteriormente, da internet, torna-se evidente este tipo de leitura. É a leitura da multiplicidade de linguagens, da seleção/inter-relação das infinitas informações veiculadas pelos meios hipermidiáticos. É a leitura da tela do computador, que “navega entre nós e conexões alineares pelas arquiteturas líquidas dos espaços virtuais” (SANTAELLA, 2004: 31).

É uma leitura que exige seletividade, para que o leitor não se perca nos mares virtuais. O leitor imersivo tem (ou deveria ter) consciência de que o mundo é muito maior do que ele pode abraçar e escolhe, na infinidade de textos a sua disposição (todos à distancia de poucos cliques), os textos e caminhos que lhe interessam, que deseja.

Conforme Chartier (1998: 12-13), tal leitura guarda algumas semelhanças com os outros tipos: o texto corre verticalmente (como no rolo, ou volume), puxando a

barra de rolagem com o mouse, ou apertando algum botão do teclado; o leitor pode se guiar por links e menus, artifícios que lembram a paginação e os índices dos livros impressos etc.

Por outro lado, diferentemente dos outros tipos de leitura, segundo Lucia Santaella (2004: 33):

O leitor imersivo é obrigatoriamente mais livre na medida em que, sem a liberdade de escolha entre nexos e sem a iniciativa de busca de direções e rotas, a leitura imersiva não se realiza. [...] [Trata-se de] um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multisequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens documentação, músicas, vídeo etc.

Assim, se ele não quiser escutar determinada música, pode, simplesmente, passar direto para a próxima, bem como repetir uma música que acabou de ouvir e até mesmo escolher uma música específica. O mesmo vale para as TVs eletrônicas e sites de vídeo (Youtube, podcasts etc.).

Também no jornal eletrônico, o leitor pode, como na mídia convencional, acessar o índice e recorrer diretamente a um determinado caderno. Mas, diferentemente do impresso, pode ter acesso a informações dos últimos minutos, bem como ler outras matérias que já saíram sobre o mesmo assunto, e, até mesmo, ver um vídeo ou escutar um depoimento relacionado.

Da mesma forma, na leitura navegativa, virtual, o leitor pode ler uma matéria de um site e, a partir dos links, acessar um vídeo, um áudio, uma imagem sobre o mesmo assunto, ou matérias relacionadas, dentro ou fora do site que tinha entrado anteriormente.

3.4. Leitura oral, dialógica

Além dos tipos de leitura descritos por Lucia Santaella, podemos incluir uma quarta classificação, evidenciada anteriormente à leitura contemplativa. Trata-se da leitura oral.

Como a leitura oral prescinde o conhecimento do código escrito, ela remonta à Antiguidade. Nela, o leitor tem acesso aos textos por meio de terceiros. Trata-se de uma leitura coletiva, em que alguém narra (a partir de um registro escrito ou não) aos demais espectadores-leitores.

Nessa leitura, o leitor é de certo modo co-autor. Devido à ausência de registro (ou à dificuldade de acesso a este) e à proximidade física entre o autor-enunciador e os leitores-enunciatários, todos interferem no texto, durante sua enunciação, e também mais tarde o modificam quando o enunciam para outras platéias.

Trata-se da leitura do texto vivo, do saber vivo de que fala Platão em "Fedro", aquele construído por meio do diálogo com toda a audiência (Diálogos de Platão, apud ZILBERMAN, 2001: 24-25).

É o que se verifica, por exemplo, nas lendas, passadas de geração em geração, com versões que variam de acordo com a região e o tempo; ou nos discursos dos filósofos gregos, em que a plateia questiona e argui os oradores.

É preciso esclarecer que a sucessão dos tipos de leitura não consiste em uma evolução/substituição nas práticas de leitura. Elas coexistem. Convivem na sociedade contemporânea tanto leitores mais habituados à linguagem televisiva, quanto os que preferem a leitura dos textos impressos, bem como aqueles acostumados a navegar pela estrutura alinear e descentralizada da internet. Além disso, um mesmo leitor pode realizar tipos de leitura diferentes de acordo com o texto, sua necessidade e seu desejo: quanto mais contato o leitor tiver com os vários tipos de texto e as possibilidades de leitura, mais proficiente a leitura será.

Por fim, o tipo de leitura não está preso estritamente ao suporte que o evidencia. Dependendo do texto, do interesse do leitor e de sua proficiência, ele pode aparecer em suportes diferentes. Assim, alguém que, por exemplo, no início do século XX, procura informações em uma enciclopédia, faz uma leitura com muitas características do leitor navegador: ele recorre ao índice, lá descobre os locais da enciclopédia onde pode encontrar a informação de que precisa, vai aos verbetes, lê os trechos que lhe parecem úteis, observa as possíveis imagens e quadros, recorre a outros verbetes relacionados... enfim, navega de forma semelhante a um internauta.

4. A interminável Chapeuzinho, exemplo de leitura imersiva/hipermidiática

Dentre os tipos de leitura descritos acima destacamos um exemplo de texto que favorece uma leitura hipermidiática.

As principais características desse tipo de leitura são hipertextualidade, forte diálogo intercódigos e interatividade. Tal tipo de leitura é favorecido por diversas obras de literatura infantil contemporânea. A seguir trazemos, como exemplo, a obra digital *A interminável Chapeuzinho* da autora Angela Lago.

Angela Lago é uma das mais reconhecidas escritoras e ilustradoras da literatura infantil brasileira contemporânea. Nascida em Belo Horizonte (1945), formada em Artes Plásticas, Ciências Sociais e Psicopedagogia Infantil, estreou na literatura infantil em 1980 com a obra *Sangue de barata*. De lá pra cá publicou muitos livros, como a sua versão do *Cântico do cânticos* (1998) contada só por meio de imagens.

Logo no fim da década de 1990 Angela Lago já se interessou pelas novas mídias e tem experimentado seus recursos tanto como técnica de pintura, como suporte para suas histórias. Assim, a computação gráfica foi usada na ilustração de obras como *A banguelinha* (2002), *Muito capeta* (2004) e *João Felizardo, o rei dos negócios* (2006). Além disso, no site da autora (www.angela-lago.com.br) encontram-se obras concebidas especialmente para a internet, como: *Oh!*, uma narrativa lúdica entre um esqueleto e um cachorro atrapalhados; *O ABCD de Angela Lago*, um conjunto de pequenas narrativas interativas e jogos envolvendo as letras do abecedário e a alfabetização; e *A interminável Chapeuzinho*, objeto de nossa leitura.

A interminável Chapeuzinho é contada sem o uso do código verbal escrito. Para narrar a história, a autora recorre a apelos visuais e sonoros (eminentemente não-verbais). Na verdade, seria melhor falar de histórias, no plural, uma vez que se trata de uma narrativa interativa. Nela, o leitor pode optar por múltiplos caminhos e desfechos. Desse modo, estamos no campo da interação arborescente, ou de seleção (ver item 5.2.2.3). É importante destacar que esse tipo de interação, como descrevemos anteriormente, é típico da leitura navegativa e da estrutura hipertextual. Por isso, concebemos A interminável Chapeuzinho como exemplo característico de hipertexto.

Assim, o leitor pode optar se a Chapeuzinho segue o caminho indicado pela mãe ou vai pelo tortuoso, se a avó deixa o lobo entrar na casa dela ou não, se a menina pede ajuda aos caçadores ou não etc. numa estrutura cheia de ramificações. Dessa interação leitor-texto advêm sentidos: os vários caminhos que o leitor pode percorrer com a Chapeuzinho podem sugerir as diversas experiências amorosas da juventude, o processo de amadurecimento típico da adolescência, o aprendizado a partir dos próprios erros, e a liberdade de escolha (cabendo, é claro, para cada escolha, uma consequência ou sanção).

A leitura faz-se lúdica, uma vez que o leitor-navegador pode explorar as várias opções de texto, verificando as consequências de cada escolha feita pelas personagens, multiplicando assim as possibilidades de sentido. Para uma leitura de fruição, o internauta pode escolher os caminhos aleatoriamente, de acordo com seu interesse, realizando uma leitura navegativa.

Quanto aos múltiplos códigos, são exploradas as imagens em movimento (animações) e sons (trechos de música cantarolados pela Chapeuzinho e onomatopéias), dialogando na construção de sentido.

Por exemplo, enquanto Chapeuzinho caminha pelo bosque (matriz visual, animação), cantarola *La vie en rose*, de Edith Piaf (2007), (matriz sonora-verbal, música). O eu-lírico da canção de Piaf é uma mulher apaixonada por seu amante, o qual lhe prometeu amor eterno. Da mesma forma, no conto tradicional A chapeuzinho vermelho (registrado pelos Irmãos Grimm e por Charles Perrault), o lobo seduz a menina. Há inclusive várias interpretações psicológicas do conto, que o tratam como uma representação do despertar da sexualidade feminina (cf. BETTELHEIM, 1996). Assim, a autora propõe um paralelismo entre os dois textos. Cabe ao leitor, estabelecer as relações entre um e outro.

No caso de a Chapeuzinho cair na cilada do lobo e aproximar-se dele disfarçado de avó, o tradicional diálogo da Chapeuzinho com o lobo (“que olhos grandes você tem...”, “que boca grande você tem...”) é resolvido por uma animação em que Chapeuzinho aponta para as partes do rosto do lobo, cantarolando o seguinte trecho de *La vie en rose*: “Des yeux qui font baisser les miens, / Un rire qui se perd sur sa bouche”. Faz assim uma apropriação do trecho de Piaf que se refere aos olhos e à boca do amante, na fala de Chapeuzinho.

Da mesma forma, o lobo da história de Angela Lago, quando come a Chapeuzinho, invariavelmente, em seguida a vomita (visual-sonoro, onomatopéico). Depois de devolvida, Chapeuzinho canta o seguinte trecho de *La vie en rose*: “Voilà le portrait sans retouches / De l'homme auquel j'appartiens” (sonoro-verbal). A imagem da Chapeuzinho sendo vomitada seguida do trecho da música transcrito acima também provoca efeito de humor, sátira, à virilidade masculina. É como se a Chapeuzinho dissesse: me seduziu, me conquistou e, agora, me vomita. É interessante verificar como esse sentido é reforçado pelo diálogo entre o texto

original e o de Angela Lago, e entre imagem e sonoridade. Se desprezarmos um dos códigos, ou uma das versões, esse significado seria bastante prejudicado.

Há também um recurso metalinguístico explorado. Em todos os finais que não correspondem ao desfecho tradicional da história de Chapeuzinho, o lobo abre um livro (que representa o conto original registrado), e faz sinal de negativo com o dedo e com a cabeça (código visual), dando a entender que aquele não era o fim esperado.

Essas são algumas das leituras possíveis de *A interminável Chapeuzinho*, permitidas pela hipertextualidade (navegação/interatividade) e do diálogo intercódigos no processo de significação. Ao longo dessa análise retomamos muitas das características da linguagem hipermidiática: hipertextualidade, interatividade e diálogo intercódigos. Fica clara, assim, as marcas dessa linguagem e a exploração da potencialidade do suporte digital na obra em questão.

Ainda sobre a *Interminável Chapeuzinho*, destacamos a genialidade dessa obra de Angela Lago. Aparentemente simples, o texto pode ser lido inclusive pelos leitores mais novos e menos experientes. Isso acontece graças à ausência do código escrito (contemplando o leitor em fase de alfabetização) e pela interatividade intuitiva (por meio de cliques nas personagens). E se torna atraente para esses leitores, por se referir a uma história bastante conhecida pelas crianças, pelo colorido das imagens, pelas cenas divertidas e pela possibilidade lúdica de o leitor percorrer os vários caminhos. Por outro lado, para o leitor mais proficiente, o texto também oferece atrativos, como o efeito de paródia, as críticas bem-humoradas à sociedade patriarcal, e as significações possíveis a partir do diálogo intercódigos.

5. Considerações finais

Como vimos ao longo desse artigo é preciso que a escola e, de forma geral, a sociedade revejam o conceito e o ensino de leitura, a fim de contemplar a multiplicidade de textos e de objetivos de leitura contemporâneos.

Da mesma forma, demos indícios de que a literatura infantil é instrumento importante na formação desse leitor crítico e múltiplo, proficiente na leitura oral, contemplativa, movente e imersiva.

6. Bibliografia

ASSUMPÇÃO, Simone. "Poesia infantil, hipertexto e leitura emancipatória". In: CECCANTINI, João Luís C. T. (org.). *Leitura e literatura infanto-juvenil: memória de Gramado*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004.

BARROS, Manoel. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CARVALHAL, Tania Franco; COUTINHO, Eduardo R. (orgs.). Literatura comparada: textos fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CHARTIER, Roger. Os desafios da escrita. São Paulo: Unesp, 2002.

_____. A aventura do livro: do leitor ao navegador. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Unesp, 1998.

CECCANTINI, João Luís C. T. (org.). Leitura e literatura infanto-juvenil: memória de Gramado. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: séculos XIX e XX. 4. ed. São Paulo: Edusp, 1995.

_____. Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo. São Paulo: Ática, 1991.

CUNHA, Leo. XXII!!!: 22 brincadeiras de linhas e letras. São Paulo: Paulinas, 2003.

CUNHA, Maria Zilda da. "Entre livros e telas: a literatura para jovens leitores. Disponível em: <http://multiplasleituras.blogspot.com> (Acesso em 15/10/2008).

_____. "Hibridismo, múltiplas linguagens e literatura infantil e juvenil". In: Encontro Regional da ABRALIC: literatura, artes, saberes. São Paulo: USP, 2007.

_____. "A escritura & os novos meios de produção de linguagem". In: Anais do Seminário Nacional de Literatura Infantil e Juvenil. São Paulo: XV Bienal Internacional do Livro de São Paulo, CBL, 1998

FOUCAULT, Michel. "Linguagem e Literatura". In: MACHADO, Roberto. A filosofia e a literatura. Rio de Janeiro Jorge Zahar, 2000.

FERRARI, Pollyana (org.). Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital. São Paulo: Contexto, 2007.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2006.

GHIRALDELLI JR., Paulo. "Infância, escola e filosofias da educação". In: História da educação brasileira. p. 17-23. São Paulo: Cortez, 2006.

GÓES, Lúcia Pimentel. Olhar de descoberta: proposta analítica de livros que concentram várias linguagens. São Paulo: Paulinas, 2003.

GREGORIN Filho, José Nicolau. "Literatura infantil brasileira: da colonização à busca da identidade". Via Atlântica, n. 9, jun/2006, p. 185-194.

_____. "Ensino Superior e construção da cidadania". In: LDB, Ensino Superior e Construção da cidadania. São Paulo: Plêiade, 2000.

_____. "A roupa infantil da literatura". Revista do Centro Universitário Barão de Mauá, v. 1, n. 2, jul/dez, 2001.

GRIMM, Jacob. Chapeuzinho Vermelho e outros contos de Grimm. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LAGO, Angela. A interminável Chapeuzinho. Disponível em: www.angela-lago.com.br. Acesso em: 10/12/2007.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. 2. ed. São Paulo: 34, 2000.

_____. As tecnologias da inteligência. São Paulo: 34, 1993.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. A leitura rarefeita: leitura e livro no Brasil. São Paulo: Ática, 2002

_____. "Um país chamado Brasil, no tempo de um homem chamado Bilac". Usos e abusos da literatura na escola. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

MELLO E SOUZA, Antonio Candido de. Literatura e sociedade. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000.

MIRA, Maria Celeste (org.). Momentos do livro no Brasil. São Paulo: Ática, 1998.

NASCIMENTO, José Augusto de Abreu. *Literatura infantil e cultura hipermidiática: relações sócio-históricas entre suportes textuais, leitura e literatura* (dissertação de mestrado). São Paulo: FFLCH/USP, 2009.

PERRAULT, Charles. Contos de Perrault. São Paulo: Paulus, 2005.

PERROTTI, Edmir. Confinamento cultural, infância e leitura. São Paulo: Summus, 1990.

POUND, Ezra. ABC da literatura. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SANTAELLA, Lucia. Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. "Três tipos de leitores: o contemplativo, o movente e o imersivo". Líbero. Ano V, v. 5, n. 9-10, 2002. p. 30-39.

_____. Matrizes da linguagem e do pensamento. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SILVA, Ezequiel Theodoro. A leitura nos oceanos da internet. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1991. pp. 46-56

SOIDA, Ivan. "Os gurus do hipertexto". Monografia de conclusão de curso apresentada à Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

WELLEK, René; WARREN, Austin. Teoria da literatura. 5. ed. Lisboa: Europa-America, 1987.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 2003.

_____. Fim do livro, fim dos leitores?. São Paulo: Senac, 2001.